CARLOS AUGUSTO OZORIO



O Único Lugar Onde Se Vive

um convite à descoberta do agora

PRÓLOGO

O Traço

Passei boa parte da minha vida tentando entender meus problemas como se viessem do mundo. Do trabalho. Do dinheiro. Dos relacionamentos. Da idade. Da ansiedade.

Até perceber que, quase sempre, eu estava em um lugar, mas minha atenção estava em outro.

Então a pergunta veio: onde, exatamente, a vida acontece?

Para começar a responder, preciso te apresentar a um símbolo que ilustra a capa deste livro.

Existe um antigo símbolo da tradição zen chamado Ensō.

À primeira vista, parece apenas um círculo pintado com um pincel. Mas ele é muito mais do que um desenho.

O Ensō é realizado num único gesto. O pincel toca o papel apenas uma vez. Não existe correção. Não existe segunda tentativa. Não existe voltar para melhorar o traço.

Quando o traço termina, ele já pertence ao passado. O círculo permanece aberto, não por estar incompleto, mas porque a vida também permanece aberta. Sempre em transformação. Sempre acontecendo.

Escolhi esse símbolo porque ele representa exatamente aquilo que este livro procura investigar. Não a perfeição, não uma religião, não uma crença.

Levei tempo para perceber que aquele desenho não estava dizendo uma coisa só. Estava dizendo três.

O pincel toca o papel. Alguém fez aquilo. O Ensō não é contemplação, é ação — e a qualidade do círculo é a qualidade do gesto de quem o pintou. Não do que ele sentia enquanto pintava. Do que ele fez.

É um único instante. Não há ensaio, não há rascunho, não há o traço de amanhã. Existe aquele, e ele está acontecendo agora.

E o círculo fica aberto. Terminado o traço, ele já é passado. E a vida segue sem perguntar se ficou bom.

Talvez a beleza do Ensō nunca tenha estado na perfeição do círculo. Talvez sempre tenha estado na qualidade da presença de quem o desenhou.

Este livro segue essas três coisas, mas não nessa ordem. Começa pelo instante: onde a vida acontece, por que a gente vive saindo de lá e quem, afinal, está presente quando ela acontece. Depois vem o gesto. Depois, o círculo aberto.

Não vou pedir que você acredite em nada. O que existe aqui são cenas — pequenas, quase todas constrangedoras — e algumas coisas que fui percebendo no meio delas.

Não escrevi para explicar o agora.

Escrevi para descobrir o que dá para fazer com ele.

ANTES DE COMEÇAR

Duas coisas, e prefiro dizer logo.

A primeira. Neste livro aparecem três personagens: o Vigia, o Químico e o Arquivista. Não são três cérebros de verdade, empilhados dentro da cabeça. São três funções, trabalhando em velocidades diferentes, e os nomes são só um jeito de enxergar o que antes era um borrão. O que acontece de fato no corpo e no cérebro é bem mais complicado do que cabe aqui. O desenho é uma simplificação, e eu o uso porque ele ajuda a ver.

A segunda. Este livro fala de tristeza, raiva, culpa, aperto no peito — o tipo de coisa que todo mundo sente. Tristeza é diferente de depressão. Se o que você sente dura semanas, tira o sono, o apetite, a vontade de fazer qualquer coisa, isso não se resolve com um livro. Procure um médico ou um psicólogo. Não é fraqueza. É o gesto certo, agora.

O LIVRO

O que vem depois deste prólogo

São dezesseis capítulos, em quatro partes. Cada um termina com um experimento curto, para fazer no mesmo dia.

Estar — onde a vida acontece, e por que eu saio de lá.

Os quarenta segundos de um elevador em que nada estava acontecendo e, mesmo assim, você não ficou. Depois, o mecanismo: três funções que trabalham em velocidades diferentes, e chegam sempre na mesma ordem. É essa ordem que explica por que você sabe o que fazer e faz outra coisa. Em seguida, o redemoinho em que elas giram, a briga com o que já passou, e onde exatamente dá para pôr a mão.

Observar — quem é você no meio disso.

Uma subida no quilômetro dezessete de uma meia maratona, em que tudo isso estava trabalhando e alguma coisa olhava o conjunto. O meio segundo entre o que acontece e a sua resposta. A imagem de si que precisa ser sustentada. E a liberdade, que é menor e mais útil do que parece.

Amar — o que fazer com esse espaço.

Um discurso de casamento que ficou pela metade, e o que veio depois dele: amar como verbo, a conduta na terça-feira de manhã, o termômetro do corpo e por que não vale esperar a vontade chegar.

Viver — isso tudo nas relações.

A discussão que você ganha sozinho no chuveiro. A frase que machuca quem mora com você, e que você sabe qual é. A medida certa do que se faz. E a pergunta que sobra no fim: o que dá para fazer bem, agora, com o que está aqui?

Não prometo mente calma nem pensamento que some. O desconforto continua. O que muda é quem manda no que você faz com ele.

O Único Lugar Onde Se Vive está à venda na mesma página onde você baixou esta amostra.